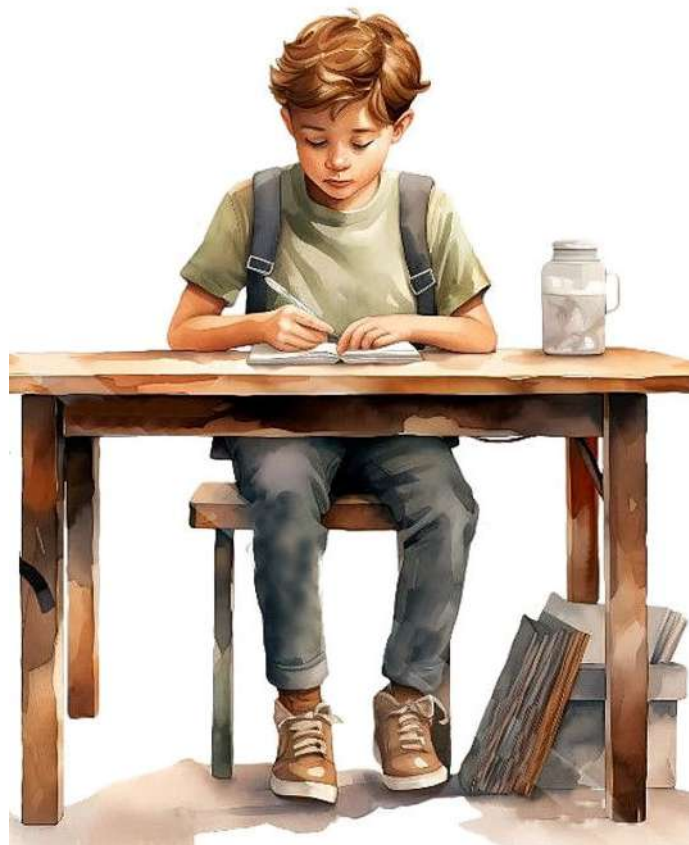




A cadeira de trás

Aluno da turma do 4.º B, Tomás gostava de estar na última fila, junto à janela. Era um aluno discreto. Tinha o hábito de desenhar máquinas, e ficava muitas vezes sozinho no recreio. Não incomodava ninguém, mas parecia que, para alguns, já era motivo suficiente para implicarem com ele.

Miguel era o primeiro. Achava graça fazer comentários sempre que ele falava — imitava-lhe a voz, encolhia os ombros, exclamava: “Olha-me para esta seca!” Uns riam. Outros nem tanto, mas não diziam nada. Era mais fácil ficar calado.

Na manhã de terça-feira, entrou na sala com os ombros descaídos e os olhos baixos. Durante a aula, quando a professora Mariana pediu que lesse em voz alta, tropeçou numa palavra. Houve risos. Miguel voltou a repetir a frase com um ar trocista. A professora lançou-lhe um olhar reprovador.

No final da aula, chamou Tomás à parte.

— Está tudo bem contigo?

Ele hesitou. Mordeu o lábio. Encolheu os ombros.

— Só queria que me deixassem em paz — murmurou.

No dia seguinte, não apareceu na escola. Nem no outro. Ao terceiro dia, a professora não esperou mais. Ligou para casa. A mãe atendeu, cansada.

— O médico acha que está tudo bem, mas ele diz que tem dores de barriga. Não quer ir às aulas. Diz que não vale a pena, e fecha-se no quarto.

No final dessa mesma tarde, a professora Mariana quis falar com a turma. Mostrou-lhes um livro intitulado: *Não te metas comigo – Falemos da violência na escola*. Decidiu ler um excerto em voz alta, e todos se sentaram em círculo para ouvir:

Os agressores só se metem com pessoas que consideram vulneráveis. Sentires-te bem contigo próprio é uma das melhores formas de os fazer parar. Mas não podemos lutar sozinhos.

Após a leitura, seguiu-se um momento de reflexão. Alguns comentavam que, muitas vezes, o silêncio de quem era agredido podia ser interpretado como fraqueza; outros, mais timidamente, admitiam que podiam ter rido ou ignorado situações de *bullying* para não terem problemas.

A professora perguntou então:

— O que acham que acontece quando alguém sofre e não diz nada?

O silêncio foi denso no início, mas não por falta de ideias. Era o tipo de silêncio que antecede algo de importante.

Foi Clara quem, finalmente, falou:

— Acho que, quando alguém sofre calado, vai perdendo a confiança em si e nos outros. É como se ficasse invisível. E isso pode fazê-lo sentir-se ainda mais sozinho.

A professora concordou, com um sorriso.

— E como podemos contribuir para um ambiente onde haja mais respeito mútuo?
— perguntou.

Diogo, que, habitualmente, era um rapaz calado, levantou a mão. A sua voz tremia um pouco, mas soava sincera:

— Podemos começar por não nos rirmos quando alguém é gozado. Mesmo que não façamos nada de mal, rir ou fingir que não vemos o que se passa é quase como fazermos *bullying*. Às vezes basta aproximarmo-nos da pessoa, perguntarmos se ela está bem... Isso pode ajudar a que ela não se sinta tão sozinha.

A professora pousou o livro sobre a secretária, com um gesto sereno.

— O que disseram é verdadeiro. Quando alguém sofre calado, o mundo torna-se um lugar mais frio. Mas, se cada um de nós tiver coragem para ver, ouvir e agir com empatia,

esse mesmo mundo pode transformar-se num lugar onde todos têm espaço para ser quem são, sem medo.

— Professora, o que significa ver, ouvir e agir com empatia? — perguntou Diogo.

— Ver com empatia — respondeu — é olhar para alguém e tentar perceber o que vai no seu interior. Ouvir com empatia é escutar com atenção, sem interromper, procurando entender o que o outro está a dizer — e também o que ele sente, mesmo que não o diga por palavras. E agir com empatia é fazer algo que ajude ou conforte a pessoa.

Em seguida, continuou:

— Alguém aqui já se sentiu ferido por algum comentário que tenha sido feito a seu respeito?

Houve acenos tímidos. Leonor foi a primeira a falar:

— Acho que devemos pôr-nos no lugar do Tomás... Eu também não ia gostar que se rissem de mim.

— Então pensem no que têm feito. — declarou a professora. — Mas não quero que se acusem. Quero que reflitam nas vossas atitudes, e também no vosso silêncio cúmplice. Porque o silêncio também pesa.

Miguel estava calado. Raramente ficava assim. Fitava o chão, com as mãos no regaço.

— Vamos escrever todos uma carta ao Tomás — continuou ela. — Cada um pode dizer o que quiser: um pedido de desculpa, um convite para um jogo, um “gosto dos teus desenhos”. Sem assinar, se preferirem.

Tomás voltou na segunda-feira seguinte, com o mesmo ar calado. A mochila no ombro, o olhar preso ao chão, como quem não confia no terreno que pisa. Mas, naquele dia, houve um pormenor que fez a diferença.

Quando ele entrou na sala, a professora Mariana ergueu-se da secretária. Sem dizer palavra, aproximou-se e estendeu-lhe um envelope, com o seu nome escrito à mão. O gesto foi simples, mas o silêncio que o acompanhou deu-lhe peso. Tomás recebeu-o com um aceno quase impercetível e sentou-se no seu lugar habitual, junto à janela.

Guardou o envelope no bolso do casaco e não o abriu de imediato. Durante a aula, manteve-se atento, ainda que discreto como sempre. Fez os exercícios sem hesitar, mas com uma lentidão cuidadosa, como quem testa o chão debaixo dos pés. A professora não o forçou a participar, mas olhou para ele com frequência — não para o controlar, mas para o apoiar.

Quando soou o toque para o recreio, saiu com passo contido. Caminhou até ao muro onde costumava estar sozinho — o mesmo sítio onde tantas vezes fingira desenhar para

não parecer isolado, para disfarçar a ausência de companhia.

Ali, com a algazarra ao fundo, abriu devagar o envelope. Lá dentro, encontrou várias folhas dobradas. Não vinham assinadas, mas reconheceu certas letras e expressões que lhe soavam familiares.

“Desculpa se alguma vez me calei quando devia ter dito alguma coisa.”

“A tua maneira de estar faz falta. Mesmo que não fales muito, tu estás presente.”

“Espero que estejas melhor. Queremos que voltes a sentir-te bem aqui.”

“A culpa nunca foi tua.”

Tomás leu-as todas, uma por uma. Releu algumas. Os dedos tremiam um pouco, não do frio, mas de qualquer coisa mais funda — como se as palavras escritas tivessem aligeirado um fardo que carregava há muito.

Pela primeira vez em muito tempo, não olhou para os outros com medo. Observou o recreio com uma estranha clareza. Aparentemente, nada ali tinha mudado: os mesmos jogos, os mesmos grupos. Mas, dentro dele, alguma coisa começava a mudar. Era um fio de luz a entrar por uma fresta esquecida.

Guardou as cartas com cuidado e voltou para dentro antes do toque.

Ao entrar na sala, o burburinho dos colegas esmoreceu por instantes. Ele seguiu até ao seu lugar, mas desta vez, reparou que Clara lhe acenava com a cabeça. Não era um gesto forçado. Era apenas um “estás aqui” sem palavras. Ele correspondeu com um olhar breve e sentou-se sem pressa.



A aula seguinte era de Estudo do Meio. A professora Mariana propôs uma atividade em grupo, e pediu que se organizassem em pares. Durante uns segundos, Tomás ficou imóvel, já habituado a ser o que sobra. Mas, antes que a sensação se instalasse, Diogo virou-se para ele:

— Queres ser meu par?

Ele hesitou, ainda com as palavras atravessadas no peito. Mas acenou que sim.

— Tu desenhas bem — continuou Diogo. — Podíamos fazer um cartaz com os teus desenhos. Eu falo e tu tratas da parte visual. Pode ser?

Tomás sorriu por dentro. Não foi um sorriso visível, mas sentiu-se mais leve por dentro. Como se, de repente, o lugar onde se sentava já não estivesse isolado por paredes invisíveis.



Durante a atividade, Leonor veio ajudar também. Trouxe revistas para recortar e sugeriu ideias. Ninguém comentou a ausência de palavras do colega. Ninguém forçou sorrisos. E isso, para ele, foi o mais importante: poder estar sem ter de se defender, sem ter de se explicar.

No final da aula, quando os trabalhos estavam a ser recolhidos, Miguel aproximou-se do grupo. Parecia constrangido, mas havia sinceridade no olhar dele.

— O desenho ficou fixe — disse, apontando para o cartaz. — Amanhã, eu gostava de ajudar a pôr a cartolina na parede da sala. Posso?

Tomás assentiu. Não disse nada, mas não era preciso.



A professora, da secretária, observava sem intervir. Sabia que o mais importante já estava a acontecer: o espaço de exclusão começava a transformar-se em espaço de pertença. Não com grandes gestos ou discursos, mas por meio da escuta, da aceitação e do cuidado. Um cuidado que se aprende. Que se constrói.

Naquele dia, Tomás saiu da escola como sempre: sozinho, de mochila às costas. Mas havia algo de diferente na forma como caminhava. Já não arrastava os pés. Já não olhava só para o chão.

E a cadeira de trás, onde antes cabia apenas o silêncio, começava agora a ser um lugar de possibilidade.

